



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17089 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 12 - Currículo

Desenhando currículos com os tempos da experiência da infância
Sammy William Lopes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Desenhando currículos com os tempos da experiência da infância

O trabalho investiga sobre a necessidade e possibilidade de se tomar a experiência da infância e suas singularidades (sensíveis, afetivas, intelectuais e languageiras) enquanto força motriz para os movimentos curriculares a serem tecidos na educação infantil.

Nestes termos pergunta-se: por que e como a experiência da infância pode potencializar a produção de currículos ou de relações educadoras mais efetivas para a educação infantil?

Desde tal contexto, o escrito desenvolve-se afirmando que é na conjuntura brincante da experiência curricular, dos encontros promovidos por tal experiência, que a infância pode produzir, expressar e fazer valer politicamente seus modos diferenciais de sensibilidade e pensamento; constituídos sob demandas, temporalidades e potencialidades próprias. Isso, quando a infância se percebe autorizada a enunciar ou atribuir sentidos propriamente infantis aos afetos experienciados nos ditos encontros.

Nesta perspectiva, acrescentamos que tal fluxo educador-curricular com a experiência brincante da infância se complica determinantemente com o problema da linguagem, pois envolve, de modo necessário...

[...] a produção de narrativas individuais e coletivas através de diferentes linguagens, já que [é por meio de tais narrativas que as crianças justificam]... porque querem compreender o mundo em que vivem [e como tentam empreender tal investimento, em função de...] dar sentido [propriamente infantil] à sua vida [ao expressarem-se enquanto seres de potência]. (Barbosa e Fochi, 2015, pág.115).

Percebe-se assim que - no contexto do desdobramento dos movimentos curriculares-

educadores desenhados com a experiência da infância - a partir de demandas e temporalidades próprias e, sobretudo, dos afetos de alegria vivenciados nos ditos encontros - faz-se importante que o corpo infante se detenha, explore e se pronuncie acerca das dessemelhanças que o perpassam e sobre como tais dessemelhanças o incita a produzir sentidos, ideias e línguas potencialmente diferenciais...

(Henrique) “Na metade da lua fica um buraco. A lua fica assim, ó... grudada na outra lua.”

(Professora) “Grudada na outra lua?”

(Fellipo) “Grudada na outra lua?”

(H) “É, né?”

(F) “Só tem uma lua.”

(H) “Assim ó... ela fica grudada... na outra lua.”

(F) “A lua fica grudada na lua? Mas a lua não tem cola...”

(H) “...Ela tem cola, sim!”

(F) “Tem nada.”

(H) “Lá dentro, lá dentro tem... lá dentro tem uma cola que pode grudar o pedaço da lua, e aí ela vai voando.”

(F) “Não...”

(H) “Ela vai, sim...”

(F) “Ela não tem cola por dentro, Henrique.”

(H) “Ela tem sim. Eu acho que ela tem sim.”

(F) “Eu acho que não tem... eu já fui dentro da lua e não vi cola nenhuma.”

(ATELIÉ CARAMBOLA, 2020)

Desse modo o movimento curricular-educador rabiscado com a experiência da infância se potencializa em função de possibilitar que o corpo infante possa explorar coletivamente as imagens-signos emitidas pelo corpo de outrem (a lua), causadoras de afetos-sensibilidades experienciados. Pois são estas imagens-signos que tenderão a desterritorializar ou forçar o corpo infante a desgrudar-se da comodidade do já sabido; invocando-o a tentar garatujar um ato de pensar no pensamento e uma língua que possa expressá-lo (“...Na metade da lua fica um buraco. A lua fica assim, ó... grudada na outra lua.”); bem como a negociar os sentidos produzidos e expressos com os outros corpos infantes, igualmente envolvidos na experiência: “A lua fica grudada na lua? Mas a lua não tem cola... Só tem uma lua”.

Dessa forma, o dito artifício curricular desencadeado no fluxo da experiência da infância diz respeito, não a se apropriar de ideias prontas (cientificamente produzidas), mas a liberar os espaços-tempos do processo educador tanto para o acontecimento da experiência do encontro, quanto para que o corpo infante possa buscar esboçar-expressar ideias, problematizar-negociar sentidos e investigar, comunitariamente, acerca das causas daquilo que o força a pensar; ou seja, da alegria que tanto o desterritorializa quanto o anima a tentar reterritorializar-se: enunciar, expressar, problematizar, negociar, enfim, a desdobrar e colocar em jogo um processo coletivo de produção de sentidos. Jogo este que manifesta, na atualidade, as suas demandas éticas, estéticas e intelectuais.

De maneira que é a partir do dito movimento curricular, imanente à experiência, que a coletividade infante poderá imprimir uma busca por constituir imagens-signos/ideias/línguas - não mais exclusivamente baseadas nos efeitos imediatos experienciados no encontro (paixões) ou na apropriação de imagens cuja pretensão é expressar uma verdade absoluta (racionalismo técnico-científico) - mas sim na produção de relações mais ou menos adequadas e singulares que, de modo imprescindível, dedicar-se-iam a tentar sustentarem-se interna e externamente tecendo-se sob uma ordem própria, a ser comunitariamente problematizada.

De modo que a experiência do encontro e a referida busca por constituir imagens-regimes de signos-ideias e línguas adequados acerca dos corpos-objetos que afetam o corpo infante no encontro, os induzem a experimentarem um movimento combinado de desterritorialização (ausência/obsolescência dos sentidos instituídos) e de busca por constituir uma reterritorialização possível (investimento na produção de novos sentidos/regimes de signos).

Logo concluímos que:

(1) no contexto de uma prática curricular-educadora desdobrada com a experiência da infância (com sua força de produção da diferença), a quantidade de potência de ação e entendimento do corpo infante se manifestará segundo sua maior ou menor capacidade para ser afetado de distintas maneiras na experiência dos encontros; e que, nestes termos...

(2) a aprendizagem se constituirá, diferencialmente, a partir da ordem sensível dos encontros. Ordem esta determinada por causas de natureza intensiva e afetiva, as quais expressam e afirmam politicamente as demandas infantis de pensar não apenas o mundo que já existe, mas também outros mundos possíveis, imanentes a este mundo.

Palavras-chave: infância, currículos, experiência.

REFERÊNCIAS

ATELIÉ CARAMBOLA. *Educação Infantil e as cem linguagens*. YouTube, 12 de maio de 2020. 1h53min14s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2s8h1rbA4Vg>>. Acesso em: 27 de maio de 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 05/2009. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil*, Brasília: MEC, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza: Filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: https://www.academia.edu/15252804/El_abecedario_de_Gilles_Deleuze. Acesso em: 30 out. 2022.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Lisboa, Portugal: Relógio D' Água, 2006.

FOCHI, Paulo.S. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In: FINCO, D.; BARBOSA, M.C.S.; FARIA, A.L.G. de (orgs.). *Campos de experiência na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro*. Campinas, SP: Leitura Crítica, 2015.

LOPES, Sammy william, & MAGALHÃES CARVALHO, Janete. (2024). **Os currículos da educação infantil e o problema da participação**. *Childhood & Philosophy*, 20, 01–20. Disponível em <https://doi.org/10.12957/childphilo.2024.83325>. Acesso: 09 ago 2024

MANNING, Erin. *Políticas do toque: Sentidos, movimento e soberania*. Trad. Bianca Scliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.

MERÇON, Juliana. *Aprendizado Ético-Afetivo: Uma Leitura Spinozana da Educação*. Campinas: Alínea, 2009.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental - Transformações Contemporâneas Do Desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.